

PELA BABEL MURILIANA: O RETORNO DO POETA*

José Alberto Pinho NEVES[✓]
Leila Maria Fonseca BARBOSA^{✓✓}
Marisa Timponi Pereira RODRIGUES^{✓✓✓}

RESUMO

Este artigo diligencia uma análise concisa sobre a memória, a história da formação e a trajetória de um fragmento da biblioteca de Murilo Mendes, transferida, em 1977, à Universidade Federal de Juiz de Fora, por sua viúva Maria da Saudade Cortesão Mendes, tornando-se origem do Museu de Arte Murilo Mendes. De relevante ênfase à investigação em teoria literária e crítica genética, este excerto da coleção de livros do poeta instaurou um novo marco cultural na cidade devido à expectativa despertada por sua gênese, conteúdo de instigação e intervenções e comentários particulares, desdobramentos possíveis na obra do poeta, remanescente de grande significância aos estudos da crítica genética. Na subordinação de uma biblioteca ser testemunha do mundo, a biblioteca muriliana, impregnada de idealismo cultural, é um espelho que confessa o poeta, fixando-se razão para aquisição de sua coleção de artes visuais e incentivo a projetos de natureza acadêmica da história literária de Juiz de Fora.

Palavras-chave: Murilo Mendes. Biblioteca. História. Livros.

No livro de memórias do “tempo em que não era antropófago, isto é [...] primeiro tempo de criança” (MENDES, 2003, p. 27), **A idade do serrote**¹ (1968), escrito na Itália, entre 1965 e 1966, Murilo Mendes promulga anunciação do seu fascínio por livros e poesia, que aos 7 anos de idade, lhe são apresentados pelo

* Artigo recebido em 30/03/2021 e aprovado em 15/06/2021.

[✓]Doutor em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Fundador do Centro de Estudos Murilo Mendes, hoje Museu de Arte Murilo Mendes. E-mail: japneves@gmail.com

^{✓✓}Mestre em Letras pela UFRJ. Pesquisadora da História Literária de Juiz de Fora. Fundadora do Centro de Estudos Murilo Mendes, hoje Museu de Arte Murilo Mendes. E-mail: leilafb25@gmail.com

^{✓✓✓}Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora da História Literária de Juiz de Fora. Fundadora do Centro de Estudos Murilo Mendes, hoje Museu de Arte Murilo Mendes. E-mail: marisatimponi20@gmail.com

1 A data citada após título de livro, entre parênteses, refere-se à data da primeira publicação.

poeta juizforano Belmiro Braga, voluntariamente, lhe ensina a rimar e metrificar e, posteriormente, lhe “[...] abre a caverna de sua biblioteca onde durante mil e uma tardes descobr(e) Bocage, Antonio Nobre, Cesário Verde, Camilo, Fialho de Almeida, Eça de Queirós [...]” (MENDES, 2003, p.54).

A ratificação do seu encanto pela literatura, ainda em menino, assevera-se ao lado do professor Almeida Queirós que o acolhia com amabilidade guiando-o ritualmente “[...] ao Santo dos santos, a peça mágica das arcas; de lá retirava lentamente preciosos volumes [...]” (MENDES, 2003, p.158). Mormente submetia à sua apreciação os mestres do século XVII, Racine e La Fontaine, abordados com grande satisfação, embora, também, desse atenção a Malherbe, a Ronsard, e alguns autores do século XVIII, tal Fontenelle. Outras preciosidades eram os escritores românticos, resguardando-lhe para futuro os modernos Gérard de Nerval e Charles Baudelaire, alegando que “ainda não chegara o tempo de eu (menino Murilo) os entender” (MENDES, 2003, p.158). Almeida Queirós eternizou-se sempre guarnecido no universo intelectual francês, abrindo o caminho futuro do poeta para as revelações de Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud e outras constelações.

Prematuramente Murilo Mendes coabita, do seu mergulho nas bibliotecas pessoais, sua experiência com as palavras na desmedida missão de inspecionar o mundo originalmente no sentido do entendimento da biblioteca como o próprio mundo.

Assim... a princípio pelos outros e, depois por sua iniciativa, o poeta delinea sua biblioteca afetiva, iluminada, secreta e paradigmática, armada de volumes preciosos.

Espaços interdisciplinares de documentação de memória, bibliotecas, principalmente particularizadas no domínio das ciências humanas, sociais, letras e artes, fundam bases consistentes e perduráveis de informação, condição indispensável à construção do conhecimento, à elucidação da história, à revelação e à preservação da memória.

Embora fragmento de uma biblioteca pública que acumula e transborda livros que não procuramos, a biblioteca muriliana é espaço de investigação, morada apenas de livros que são procurados, sectários de metáforas, registros de passagens, de conflagrações e de colóquios indagatórios, espelhos confessores do poeta e da magnitude de sua consciência do mundo. Esta biblioteca assenta-se e perpetua-se como episódio vultoso no saber sobre o poeta que, na verdade,

aparenta nunca ter se ausentado dessa “caverna mágica tomada de mortos que podem ser ressuscitados, podem ser trazidos de volta à vida quando se abrem as suas páginas” (BORGES, 2000, p.12).

As bibliotecas de escritores:

[...] têm se mostrado de capital interesse para a compreensão dos caminhos tomados por poetas, ficcionistas, críticos ou jornalistas. Como somatório de títulos, contribuem para a história da literatura; como espaço de criação, ligam-se implícita ou explicitamente à gênese de obras, ao nos propor matrizes e, na marginalia, materializar instantes de escritura (LOPEZ, 2007, p.33).

Além de responsório de memória afetiva do texto ou do autor, algumas vezes, notas marginais manifestam o desejo antropófago, leia-se, vestígio de diálogo com o outro:

[...] na presença de determinadas obras na biblioteca de um autor, nas notas autógrafas à margem de leituras ou em folhas apenas e em todas as formas e feições de trabalho nesse espaço, insinuam-se matrizes, instaurando o diálogo que traz a intertextualidade da criação (LOPEZ, 2007, p.33).

A presença das palavras e a expectativa de tecê-las em poesia fundamentam a centelha essencial na vida do poeta. Vocacionado à poesia, Murilo Mendes principia na década de 1920, no Rio de Janeiro, a formação de uma parca biblioteca e, aos poucos, entre quartos de pensões em que viveu, se avulta, e que, embora submissa aos interregnos do destino, hoje remanesce para conhecimento da obra e do singrar do “peregrino europeu de Juiz de Fora / telemissor de murilogramas e grafitos [...]” (ANDRADE, 1994, p.64). Falecido em 13 de agosto de 1975, em Lisboa, tal mítica fênix, símbolo universal da morte e do renascimento, ressurgiu das cinzas e pedras do aniquilador sismo de primeiro de novembro de 1755, Dia de Todos os Santos, que, às nove horas e quarenta minutos da manhã, fez a terra tremer impetuosamente por nove minutos, a tudo consumindo em fogo durante dias, reduzindo a Lisboa medieval a pó. Esse fado da cidade “consabidamente bela” (MENDES, 1994, p.1.408), corrobora com a inesperada lição: “viver é extremamente perigoso. Desde a Bíblia que o sabíamos; Nietzsche, Michel Leiris e Guimarães Rosa o confirmam” (MENDES, 1994, p.1.411).

Segundo Luciana Stegagno Picchio, no prefácio de **Janelas verdes** (1995), Lisboa é uma magnífica experiência estética e afetiva para o poeta que admitia na

morte um dever, “um dever civil” (MENDES, 1994, p.1.456). Na cidade envolta no branco véu da saudade,

de planos contrastantes, descidas, subidas, largos (estreitos), pequenas praças, ‘altas ruazinhas’, vielas, becos, jardins escondidos onde algumas vezes surpreendi ‘as dalias a chorar nos braços dos jasmims’; a Lisboa mãe da Bahia (MENDES, 1994, p.1.408),

o poeta consumido por uma síncope cardíaca, parte

para conhecer os motivos da morte / para ser bem recebido nos seus átrios e participar das grandes festas da sua fome / para distinguir os esqueletos cultos dos ditos analfabetos, os mansos cruéis, os *raffinés* dos grosseiros / para desvelar os textos do livro dos mortos guardados por Osíris nas pirâmides nucleares / para tocar a flauta mágica [...] para romper Rimbaud o pão de pedra / para ler novos cânticos de Dante / para defrontar Helena de Tróia / para desmontar o tempo [...] (MENDES, 1994, p.1.456).

Parte de Lisboa a quem a metafórica criação imputa-se ao lendário Ulisses, herói de **Odisséia** (Século VIII a. C.), impoluto e nauta intrépido que, numa de suas incursões, sulcou e ancorou em terras ibéricas, prescrevendo, incomum épica lusíada no século XX, a Fernando Pessoa, em **Mensagem** (1934) ao desenlace do “mytho é o nada que é tudo” (PESSOA, 1986, p.72), predestinando que a lenda se verte ao atravessar a realidade “e a fecundá-la descorre” (PESSOA, 1986, p.72).

Sobre essa despedida do poeta, observaria Guimarães Rosa para quem “as pessoas não morrem, ficam encantadas” (ROSA, 1967), encantou-se em Portugal, sua “segunda Pátria, terra da ancestralidade e do amor” (PICCHIO, 1994, p.30).

Dois anos após seu falecimento, em 1977, sua viúva Maria da Saudade Cortesão Mendes, doou parte da biblioteca do poeta à Universidade Federal de Juiz de Fora, celebrando seu retorno à sua cidade, antigamente “trecho de terra cercado de pianos por todos os lados” (MENDES, 2003, p.74).

Enviado do Rio de Janeiro, o acervo muriliano foi recebido na Biblioteca Central, pela então diretora Madalena Ribeiro de Oliveira, conforme informação de Carlos Rafael da Fonseca Cestaro, diretor do Centro de Documentação e Difusão Cultural de 1980 a 1994, e da funcionária do setor Maria Vidal de Miranda que relata vir o acervo do poeta despachado de um guarda-móveis do Rio de Janeiro, em três grandes caixotes e um baú verde, remetidos pelo sobrinho Carlos Alberto Mendes, atendendo ao pedido da irmã do poeta, Virgínia Mendes Torres que ao lado do seu marido, Paulo Torres, muito se empenharam para a concretização do acontecimento.

Na Biblioteca Central, o acervo durante algum tempo permaneceu em sala especial visando à higienização e ao prévio inventário.

Tempos depois, em visita à sala de guarda, Maria da Saudade reivindicou a retirada de alguns livros sob alegação que lhe pertenciam e, assim, por documentação promove uma listagem de vinte e cinco livros:

1 – BILLY, André. Guillaume Apollinaire; 2 – GUILLHAUME, A. Calligrammes; 3 – RAS, M. Grafologia; 4 – ROCHE, Mazo de la. Whiteoaks of Jehner; 5 – MILLER, Henry. Tropicque du Cancer; 6 – Apollinaire par lui-même; 7 – Jarry, Alfred. Ubu Roi ou Les Polonais; 8 – AUDEN, W. H. For the time being; 9 – FROIS, A. Missa da meia-noite e outros poemas; 10 – POUND, E. The cantos; 11 – BEAUMARCHAIS. Théâtre, lettres relatives a son théâtre; 12 – PESSOA, F. English Poems I, II; 13 – BLOULENGER, Jacques. Rebelais, oeuvres complètes; 14 – SOFOCLE. Eletra, versione di Salvatore Quasimodo; 15 – CERVANTES, M. Don Quichote de la Mancha; 16 – THOMAS, Dylan. Collected poems; 17 – PAUPHILET, Albert. Poètes et romanciers du moyen âge; 18 – POUND, E. Cantos et poèmes choisis; 19 – BARING, Maurice. Daphné Adeane; 20 – SHAKESPEARE, W. Antony and Cleopatra; 21 – STENDHAL. Oeuvres intimes; 22 – LIMA, Jorge de. A túnica inconsútil; 23 – GIDE, A. Thésée; 24 – ELIOT, T. S. Murder in the Cathedral; 25 – KEENE, B. La letteratura Giapponese. (MENDES, M. de S. C. LISTA DE LIVROS que D. Maria da Saudade Cortesão Mendes separou para levá-los para Portugal, autógrafa, 1979).

Estes livros de autores e categorias dessemelhantes que contam treze em francês, sete em inglês, três em português, um em espanhol e outro em italiano, retornariam à propriedade da reivindicante, sendo mencionada sua remoção para o Rio de Janeiro, em 12 de novembro de 1979.

Por razões desconhecidas, embora presentes na listagem, remanescem na biblioteca os livros *Don Quijote de la Mancha* (1958) de Miguel de Cervantes, e *English poems I | Antinous | e II | Inscriptions* | (1921) de Fernando Pessoa, que apresentam intervenções em algumas páginas, conforme atestam os mencionados livros. Esta assegurada observação nos sugere concluir por similaridade que, nas demais publicações retiradas, também havia intervenções, como em diversos outros da biblioteca.

Vigilante à movimentação da biblioteca muriliana, Maria da Saudade, em correspondência de novembro de 1986, dirigida ao Pró-reitor de Ensino e Pesquisa professor José Carlos de Castro Barbosa, explana sobre sua doação original, sobre a retomada de alguns livros e sobre as novas doações ao acervo:

Eu, Maria da Saudade Cortesão Mendes, desejando ampliar o acervo do Centro de Estudos Murilo Mendes, para o qual doei em 1977, 2.305 livros pertencentes ao poeta Murilo Mendes e ao qual foram somados em

novembro do ano de 1980 outros 268 livros, sendo que na mesma data, retirei 105 exemplares, encaminhando, agora, outros 68 exemplares entre livros e revistas à UFJF – como consta em listagem anexa – para sua imediata incorporação ao restante do acervo. Sendo no presente o que se confirma, dou fé (MENDES. [Correspondências]. nov.1976).

De acordo com declarações da viúva do poeta e da filóloga e pesquisadora italiana Luciana Stegagno Picchio, a biblioteca do poeta experimentou uma fragmentação em três partes. O primeiro conjunto, de acordo com informações, constituído na maioria de livros de literatura brasileira, cujo número de exemplares é desconhecido, encaminhou-se para a Università della Sapienza de Roma, onde o poeta ensinou cultura brasileira de 1957 a 1975. O segundo, integrado na maioria por exemplares de literatura estrangeira, remanesce, hoje, no Museu de Arte Murilo Mendes em Juiz de Fora. O terceiro, integrado por obras em italiano e francês, de literatura e arte, permaneceu com Maria da Saudade.

Em carta dirigida à professora Marisa Timponi Pereira Rodrigues, nesta mesma cidade em 5 de fevereiro de 1993, Maria da Saudade confirma o destino da biblioteca do poeta:

[...] Tomei conhecimento de que tenciona publicar a sua dissertação de mestrado e que não fez ainda na esperança de incluir eventuais revisões e acréscimos. É nesse sentido que gostaria de lhe prestar a seguinte informação: os livros que eu doeie à Universidade Federal de Juiz de Fora são UMA PARTE DOS QUE SE ENCONTRAVAM EM ROMA, levados do Brasil por Murilo Mendes ou adquiridos na Europa, a maioria. Quase todos os referentes à Literatura Brasileira foram doados por mim à Università della Sapienza, de Roma, onde Murilo ensinava, e onde ainda se encontravam. Uma terceira parte, que consiste sobretudo de obras em italiano ou francês, de literatura ou arte, está comigo, aqui. Sei que Dr. Paulo Mendes, irmão de Murilo [Leia-se: Doutor Paulo Torres, cunhado de Murilo Mendes] entregou à UFJF alguns livros que Murilo confiara à sua guarda durante uma das rápidas viagens que fez ao Brasil e que não chegou a levar para Roma. Por outro lado, eu trouxe do Rio, há uns anos atrás, de momento não posso precisar quantos mas não muitos, volumes de autores brasileiros. Esses livros tinham ficado encaixotados quando da nossa mudança para a Itália (MENDES, [Correspondência]. 5 fev.1993).

Em levantamento realizado entre 2017 e 2019, coordenado pela bibliotecária Simone Alves Quirino Santos e José Alberto Pinho Neves, aferiram-se a totalidade de 3003 volumes da biblioteca muriliana divididos em 9 (nove) classes. Classe 0: semiótica, cibernética, civilização e cultura, bibliografia, museologia, catálogos e guias de museus, literatura infantojuvenil, possui 25 volumes; enquanto a Classe 1: filosofia, metafísica, ciências ocultas, sistemas e pontos de vista filosóficos, antropologia filosófica, existencialismo, ateísmo, psicologia, psicanálise, dialética e

ética, 106 volumes; Classe 2: religião e teologia, 313 volumes; Classe 3: ciências sociais, psicologia social, política econômica, direito, educação e folclore, 61 volumes; Classe 5: astronomia, física, ciências biológicas, antropologia e zoologia, 13 volumes; Classe 6: tecnologia e alimentos, 7 volumes; Classe 7: arte, arquitetura, artes plásticas, desenho, pintura, gravura, fotografia, música, teatro e dança, 299 volumes; Classe 8: linguística, literatura em geral, literatura germânica, francesa, italiana, espanhola, portuguesa, brasileira, latina, grega, russa, oriental e africana, 1940 volumes; Classe 9: viagens, biografias e história, 239 volumes.

Atendendo às questões protocolares acadêmicas, a reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora submeteu ao Conselho Superior, a apreciação da doação do acervo sendo aprovada pela Resolução nº 58/77, publicada no **Boletim da Reitoria** nº 193, página 9, de janeiro de 1978. Assentida a doação, subsequentemente, ocorre manifesto interesse na investigação do acervo e na articulação do Centro Murilo Mendes por um corpo de professores do Instituto de Ciências Humanas, do Departamento de Letras: Leila Maria Fonseca Barbosa, Maria Luísa Scher Pereira, Marisa Timponi Pereira Rodrigues, Pedro Pires Bessa, Terezinha Maria Scher Pereira e Gilvan Procópio Ribeiro; do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas: Regina Coeli de Carvalho Oliveira, Walquíria Corrêa de Araújo Cardoso Vale e Lucy Magalhães; do Departamento de História: Afonso Henrique Hargreaves Botti e João da Silva Rodrigues; do Departamento de Filosofia: Joel Neves; e do Instituto de Ciências Exatas, do Departamento de Desenho: Arlindo Daibert Amaral e Leonino Felício Leão e, a convite, o bibliotecário Carlos Raphael da Fonseca Cestaro que, incumbido da catalogação e de análise das obras, verificou que a maioria das obras possuía notas autógrafas feitas a lápis pelo poeta, nas margens dos livros.

Essas marcas qualificadas de **marginálias**, termo usado pela professora Telê Porto Ancona, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), no artigo A criação literária na biblioteca do escritor, em 2007, tem gênese no Latim, decifrando o conjunto de anotações que os leitores introduzem nas margens e entrelinhas das páginas, no verso das capas ou nas folhas de guarda dos livros ou em periódicos sobre os quais se inclinam; anotações que, inúmeras vezes, se prolongam em folhas manuscritas, recortes de jornais e revistas, pastas no interior dos volumes:

[...] o aparecimento de notas autógrafas dignifica as estantes de todo e qualquer leitor. Mas, quando se trata de biblioteca de escritores e de intelectuais de todos os naipes, a marginália converte essas estantes em privilegiado objeto de cogitações da crítica genética, sobretudo quando não perduram conjuntos de fólios que documentam, com autonomia, o processo criativo. Na marginália e em certas leituras não assinaladas, ficam, pois, manuscritos recônditos, à espera de uma decodificação escorada na análise de textos inteiros de fragmentos e de sinais sobrepostos ao livro, ou nutrida por citações fora desse contexto, anunciando a indelével captação por parte do leitor, a ser flagrada pelo crítico (LOPEZ, 2007, p.33).

Originariamente, o termo **marginália** se afirmou pela prática abrangente de notações nas margens em quase todos os livros que leu o crítico e ensaísta, poeta romântico inglês Samuel Taylor Coleridge, conhecido pela obra-prima de poética sobrenatural **A balada do velho marinheiro** (1798) e por outras obras não ficcionais de abrangentes marginálias. Seu contemporâneo poeta e ensaísta norte-americano Edgar Allan Poe denominou, formalmente, de **marginália**, algumas de suas reflexões.

A aclaração da práxis das marginálias remete-nos a Michel Eyquem, *seigneur du Montaigne*, ao clássico **Os ensaios** (1580), obra pioneira no gênero literário ensaio. Desde que escreveu o primeiro ensaio aproximadamente em 1571, até morrer em 1592, Montaigne jamais negligenciou a obra que não cessou de evoluir nas sequentes edições. A quinta edição, em 1588, a última publicada com o autor em vida, se acresce o Livro III e cerca de quinhentas novas citações e outros tantos acréscimos e modificações. Copiosamente anotado pelo ensaísta, um exemplar da edição de 1588, se preserva na Biblioteca Municipal de Bordeaux. Montaigne mantinha esse exemplar junto à cama e o submetia a constantes revisões, do próprio punho, destinadas ao impressor.

Marginálias afiguram ser, simultaneamente, searas e cilos que convivem

[...] paralelos ou fundidos nos arquivos de criação. Ao perseguir a gênese de textos e interpretar as pegadas da criação, o crítico deve saber que lida com a realidade visível de um trabalho em processo, com sinais retratando certos movimentos do desejo do artista (LOPEZ, 2007, p.33).

As marginálias dos livros do acervo de Murilo Mendes, inclusive das suas publicações originais, consubstanciam uma fortuna para a crítica genética suscitando inúmeras reflexões em ensaios e dissertações que minudenciam o processo criativo do poeta que conservava a praxe de sempre rever seus textos, algumas vezes emendá-los, quando (re)publicados, chegando mesmo em processo

de retificação e aspereza crítica, submetê-los ao olvidamento ante múltiplos juízos, caso do livro **História do Brasil** (1933), excluído da antologia poética **Poesias 1925-1955** (1959), justificando em nota intitulada “Advertência”: “Excluí as poesias satíricas e humorísticas que compõem a **História do Brasil**, pois, a meu ver, destoam do conjunto da minha obra, sua publicação aqui desequilibraria o livro” (MENDES, 1959, p.XIX).

Na crítica à criação do **História do Brasil**, examinando o acervo do poeta, nos deparamos com a quarta edição do livro **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira** (1928), de Paulo Prado, repleto de marginálias (grifos e textos) de Murilo Mendes, meditações reverberadoras em alguns **poemas-piada** de sua história Pátria, segundo Luciana Stegagno Picchio:

[...] testemunho de uma estação literária irrepetível para as letras do Brasil e singular dentro do próprio itinerário do poeta. [...] que, em mão de professores inteligentes, esta história poderia prestar serviços que um tratado, bem que ele seja, nunca prestaria (PICCHIO, 1991, p.7).

Tangente às variações sobre registros de supressões e restaurações textuais, a exemplo, invocamos a transfiguração do poema **Canção do exílio** (1924), *remake* da canção homônima de Gonçalves Dias, primeiro texto da seção, O jogador de diabolô, do livro **Poemas 1925-1929** (1930), publicado originalmente na segunda edição da **Revista de Antropofagia** (11 de jul. 1929), à página 18, suportando algumas variantes, entre outras, a permuta de espaços geográficos, Versailles [R.A.] por Veneza (**Poemas 1925-1929**). Nesse poema modernista, arquétipo, Murilo Mendes observa a cidade como uma acumulação de signos, entre os quais, no futuro, registrará presença. Pondera, em dúbia ironia e arguta predileção, a reverberação de distintas culturas estrangeiras, por alusão à Versailles e depois à Veneza, na terra natal e à averbação em seu incitamento intelectual.

No rastro das marginálias, notas e variantes das edições do acervo muriliano evidenciou-se o interesse dos investigadores integrantes do Centro Murilo Mendes, espaço de duas salas, cerca de 51 m² cada, destinadas ao acervo e aos estudos, pesquisa, catalogação; contando, também, com um agente administrativo e a necessária infraestrutura.

Pretextualizando sobre os livros ditos raros, anômalos nas bibliotecas ordinárias, entre autores estrangeiros e nacionais, o acervo coleciona obras

incomuns do próprio poeta e edições originais em outras línguas como **La virgen imprudente y otros poemas** (Buenos Aires: Calicanto, 1978), **Mondo enigma** (Torino: Univers, 1982) e **Conflito de culturas em três poetas brasileiros** (Napoli: Instituto Universitario Orientale, 1961).

Bibliotecas são *corpus* que se avigoram por si sós; se avultam por novas aquisições e complementação de lacunas agregadas ou múltiplas razões que diligenciam resolver parcialmente, sua completude.

No acatamento à expansão do acervo com foco na obra de Murilo Mendes, no apoio e suporte às investigações, em 1994, institui-se a seção Biblioteca Poliedro que abriga, na maioria, obras do poeta, ausentes, na biblioteca original, geralmente, adquiridas em leilões ou doadas por colecionadores, interpostas de marcas murilianas, como registros de posse e dedicatórias, e livros em primeiras edições ou incomuns, caso do álbum **Janela do caos** (Paris: Imprimerie Union, 1949), rara edição do poema homônimo publicado no livro **Poesia liberdade** (Rio de Janeiro: Agir, 1947), com seis litografias do pintor francês Francis Picabia, considerado um dos principais representantes do dadaísmo e, a partir de 1921, do surrealismo francês nas artes plásticas. Também alcança realce, devido à sua singularidade, a edição de luxo **Janelas verdes** (Lisboa: Galeria 111, 1989), ilustrada pela pintora portuguesa Maria Helena Vieira da Silva, em restrita tiragem de 250 exemplares.

Em decorrência das pesquisas do Centro Murilo Mendes, a Gerência de Cultura e Gerência de Atividades Culturais estabeleceram troca de correspondências com a viúva de Murilo Mendes, declarando-lhe o desejo da Universidade Federal de Juiz de Fora vir a abrigar o acervo completo do poeta. Em carta-resposta, datada de dezembro de 1986, Maria da Saudade declara sua intenção “de vir a alargar as doações, à medida que for sendo possível” (MENDES. [Correspondência]. 10 dez.1986).

Preservadas, ou não, no interior de significantes acervos detentores de arquivos e de coleções, bibliotecas historiam sua própria formação e as relações intelectuais e afetivas de seu detentor, caso da biblioteca muriliana.

A presença da biblioteca em Juiz de Fora, Minas Gerais, despertou curiosidade quanto aos textos críticos sobre artes visuais do poeta, e como consequência, sobre sua importante coleção de artes visuais constituída no Brasil e na Itália, determinando um convênio firmado entre a Gerência de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora e o Ministério da Cultura, visando apoio ao

projeto **Murilo Mendes**: o olho armado do professor e artista plástico Arlindo Daibert, com concorrência do professor Leonino Leão que, em viagem a Portugal, visitaram e documentaram a coleção de arte de Murilo Mendes, à época, sob guarda da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa (Portugal). Essa documentação, imagens e dedicatórias, e algumas fotos do arquivo do poeta, resultaram em três exposições de caráter didático: **Murilo Mendes: o olho armado** (1985), **O olhar do poeta** (1986) e **Tempo espanhol** (1987). Após o falecimento do professor Leonino Leão, a convite, o professor José Alberto Pinho Neves, passou a atuar no referido projeto, uma investigação decorrente da coleção apresentada pelo catálogo da mostra **Murilo Mendes: o olhar do poeta**, realizada no Centro de Arte Moderna de Lisboa, em outubro de 1987.

Concomitantemente, ao trabalho ecdótico de compilação de marginálias e variantes feitas pelo poeta em seus livros, as pesquisadoras Leila Maria Fonseca Barbosa e Marisa Timponi Pereira Rodrigues, do Centro Murilo Mendes, promoveram palestras, análises críticas da obra muriliana, resenhas, exposições, algumas comemorativas, em parceria com a comunidade cultural, objetivando o acercamento do poeta ao público.

A prática investigativa dominante no Centro Murilo Mendes, após a extinção das gerências administrativas, tornou-se uma sequência desditosa embora alguns obstinados investigadores persistissem em trabalhar mesmo que desprovidos de apoio institucional acadêmico.

A adversidade política no Brasil, em 1992, impeliu ao processo de *impeachment* do presidente Fernando Collor conduzindo o vice-presidente Itamar Franco a ser o 33º presidente da República, de dezembro de 1992 a janeiro de 1995. Com a conjuntura política local e nacional favorável, em 1993, se resgatou e intensificou o interesse governamental pela coleção de artes visuais de Murilo Mendes sob a coordenação do Ministério da Educação e Desporto, através do ministro Murílio Hingel, e da Embaixada do Brasil em Portugal, na representação do embaixador José Aparecido de Oliveira. Com a perseverança e o prestígio do presidente Itamar Franco, adjuntos à sua aspiração de conceder homenagem ao maior poeta de sua terra (adotiva), prorropeu-se o caminho para o entendimento que atendesse ao desejo de Maria da Saudade, anunciado em entrevista à **Folha de São Paulo**, em fevereiro de 1993, afirmando não doar o acervo sem obter algumas garantias, pois era única coisa de valor que possuía e, assim, aguardava um aceno

de contrapartida financeira. Entretanto, declara a viúva que o que mais a preocupava era a preservação da memória de Murilo Mendes.

Paralelamente à sequência de eventos liderados pelo Centro Murilo Mendes, principiou-se uma negociação junto à Maria da Saudade, que anuiu ceder à Universidade Federal de Juiz de Fora, a coleção de arte brasileira e estrangeira do poeta, pelo valor simbólico de US\$ 500.000,00 (quinhentos mil dólares norte-americanos), conforme o Termo de Contrato de Transferência do Acervo de Arte de Murilo Mendes, celebrado em 13 de setembro de 1993, em Lisboa (Portugal), na Embaixada do Brasil, subscrito pela viúva do poeta, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, no ato representada pelo Pró-reitor de Planejamento professor Evandro Maia Costa, com intermediação do Ministério da Educação e de Desporto, representado por seu chefe de gabinete doutor Carlos Alberto Ribeiro De Xavier, testemunhado pelo Encarregado de Negócios da Embaixada do Brasil, ministro Luiz Henrique Pereira da Fonseca e pelo chefe do Setor Cultural, secretário Ruy Pacheco de Azevedo Amaral.

Consumada a negociação da coleção de arte, depois de discussão sobre a definição do espaço de guarda do acervo, por sugestão do ministro Murílio Hingel, na salvaguarda do patrimônio e memória juizforana, decidiu-se pela adaptação do prédio, antigo exemplar da arquitetura de natureza eclética, estilo predominante de Juiz de Fora no princípio do século XX, situado à avenida Barão do Rio Branco, número 3.396, outrora Faculdade de Filosofia e Letras (FAFILE), no Alto dos Passos, que remodelado e, com as devidas adaptações arquitetônicas, sob orientação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), acolheu a biblioteca, a dezessete anos em letargia na Biblioteca Central da Universidade Federal de Juiz de Fora, e a coleção de arte formada por obras de Picasso, Max Ernst, Portinari, Vieira da Silva, Magnelli, Guignard, Arp, Braque, Di Chirico, Ensor, Dorazio, Rouault, Ismael Nery, Miró, Richter, Severini, Vasarely, Szenes, entre outros.

Ao espaço destinado à dinâmica e ao acolhimento da reflexão cultural, tendo como âmago o universo muriliano, atribuiu-se, respeitando desejo expresso de Maria da Saudade, o nome de Centro de Estudos Murilo Mendes (CEMM), inaugurado em 27 de agosto de 1994, pelo presidente da República Itamar Franco, acompanhado da viúva do poeta e do reitor, professor José Pascini.

Atencioso no desvelo dos enigmas guardados na biblioteca muriliana, advém novo ensaio do inventário, também sem remate por adversas razões, tal aquele do

Centro Murilo Mendes, realizado pelas funcionárias técnico-administrativas Maria da Glória Gonçalves Cerveira, Vera Maria de Oliveira Vargas e Ilka de Moraes Vieira, sob orientação de Carlos Raphael Cestaro.

Neste momento, embora os olhares convergissem à coleção de arte, decorrentes da relevância de seus artistas e do ineditismo do acolhimento do acervo por uma universidade pondo terminalidade à disputa liderada pelo Distrito Federal e pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A biblioteca do poeta sempre subsistiu como verve de atenção para investigadores proporcionando inclusive a gênese do projeto **História literária de Juiz de Fora**, em seguimento desde 1980, criado pelas professoras Leila Maria Fonseca Barbosa e Marisa Timponi Pereira Rodrigues que, entre as inestimáveis contribuições, evidencia três importantes livros: **A trama poética de Murilo Mendes** (2000), **Letras da cidade** (2002) e **Ismael Nery & Murilo Mendes: reflexos** (2009).

Consequente de permanentes estudos, o livro **A trama poética de Murilo Mendes** aborda, em sete capítulos de crítica, a exegese muriliana ateniência à sua estadia europeia e às questões ateniências à criação e às suas memórias, em máxima, no **A idade do serrote** (1968), copioso e extraordinário testemunho de um tempo, época do **serrote**, da origem à adolescência aventureira e rebelde, uma averbação do corrente social, religioso e educacional da outrora Juiz de Fora, sob atesto que a memória “é uma construção do futuro, mais que do passado” (MENDES, 1994, p.851).

Tratado de compilações e difusor de encantamento, **Letras da cidade** epitomiza um entendimento multicultural de Juiz de Fora, decorrendo em obra didática prescritível ao conhecimento da literatura, da história e da cartografia da cidade.

Editado pelo Museu de Arte Murilo Mendes, **Ismael Nery & Murilo Mendes: reflexos** (2009) desvela as referências do poeta a Ismael Nery semeadas em diversas fontes: livros de crítica, revistas, jornais e especialmente, em poemas. Também acumula, reciprocamente as ilusões ismaelinas sobre Murilo Mendes, amigo e mensageiro das teorias estéticas, da visão do mundo e da exuberância do intelectual paraense desdobrado em múltiplas virtudes: poeta, filósofo, pintor, dançarino, teólogo e arquiteto.

Este férvido ensaio testemunha treze anos de amizade “que não se processava no plano convencional ou no do interesse, nada de mundano ou

superficial” (MENDES, 1996, p.41), firmada em 1921, na sessão de arquitetura e topologia da Diretoria do Patrimônio Nacional, e interrompida em 1934, quando acontece a morte prematura de Ismael, criador de singular talento, carismático e excêntrico que, entre 1924 e 1932 foi uma figura dominante na modernidade cultural carioca. Das viagens a Paris, o pintor trouxe vanguardas artísticas, inclusive o surrealismo presente em sua obra sem ortodoxia. Na capital francesa, em 1927, Nery conhece alguns importantes criadores surrealistas entre outros, André Breton, Marcel Noll e Marc Chagall, “a quem muito apreciava, e segundo tudo indica, o russo retribuía-lhe na mesma moeda, pois lhe dedicou várias gravuras e fotografias” (MENDES, 1996, p.66). Murilo Mendes aclara que o encontro de Ismael com a arte de Chagall advém de uma afinidade de espíritos, da admiração pela independência do lirismo e da liberdade de disciplina **chagalleana**.

Murilo é **amigo** de Ismael no estrito discernimento rosiano de **Grande sertão: veredas** (1956), proclamado pelo jagunço Riobaldo:

[...] amigo é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de quem um tira prazer de estar próximo. Só isso, quase; e todos os sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar saber por quê é que é [...] (ROSA, 1979, p.139).

Nessa pactuação quer silenciosa quer palavrosa, de juntos entestarem no mundo, Murilo aprendeu com Ismael a **ver**, e a burilar a latente espiritualidade, magnetizado pelo cunho libertário da religião na práxis da transcendência, aviso do desconcerto do mundo:

[...] foi Ismael que lhe revelou a dimensão religiosa de seu próprio espírito, ao mesmo tempo que marcou com a paixão pelo conhecimento, com seus “olhos de verruma”, em permanente “estado de pesquisa” (ARREGUCCI JR, 1996, p.11).

De fato, o poeta muda ante a presença de Ismael que o desperta à percepção das “afinidades entre o mundo físico e moral, das interpretações e fusões das formas e das diferenças entre forma e fôrma” (ARREGUCCI JR, 1996, p.11). Mesmo depois da morte de Ismael, seus ecos continuaram a reverberar na obra do poeta.

Sobre essa convivência, atestada nas dezenove crônicas circuladas, simultaneamente, nos jornais **O Estado de S. Paulo** e no suplemento **Letras e Artes** do jornal **A Manhã** (Rio de Janeiro), entre junho de 1948 a janeiro de 1949, pelas quais o poeta externa crítica à complexidade do pensamento do pintor, um

ente magnético no espelho muriliano e inventaria a reconhecença de sua contribuição à cultura brasileira.

Cada lembrança da vida recordada guarda tempos diversos, cada qual com seu signo e sentimento, embora seja restrigente o recorte do tempo devido ao desaparecimento do pintor.

O acolhimento de **Ismael Nery & Murilo Mendes**: reflexos pela crítica literária decorreu na indicação do livro, em 2010, ao Prêmio Jabuti (São Paulo), permanecendo finalista na categoria ensaio.

Absorta ao latente esquecimento da história e na incontestável defesa da memória literária, a biblioteca de Murilo Mendes, mantém-se, a partir de 2000, atenta à política de disponibilização de conhecimento e do acolhimento criterioso de acervos, bibliotecas e arquivos relevantes de escritores juizforanos: João Guimarães Vieira (Guima) (1997), Artur Arcuri (2000), Gilberto de Alencar (2007), Cosette de Alencar (2007), Dormevilly Nóbrega (2010), Cleonice Rainho (2010), e Maria de Lourdes Abreu de Oliveira (2017).

Esse corpo de atividades em desenvolvimento, associado à coleção de arte do poeta e à promoção das ações culturais, reclamava por um espaço compatível que lhes permitissem crescimento e conferissem visibilidade pois, em breve tempo, o Centro de Estudos Murilo Mendes convertera-se em um exíguo espaço.

Em atenção às questões de preservação do acervo bibliográfico e documental, em 2002, através de recursos financeiros obtidos no edital do Programa de Apoio aos Museus da VITAE (Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social), implantou-se, no Centro de Estudos Murilo Mendes, um Laboratório de Conservação e Restauro em Papel, capacitado de excelente arsenal técnico-científico, com desdobramento nos processos de conservação e restauração dos livros da biblioteca e dos acervos em suporte de papel por ações de diagnósticos, higienização, tratamento químico, reconstituição de suportes, reintegração estética e acondicionamento técnico. Sob a tutela de um especialista, doutor Aloísio Arnaldo Nunes de Castro, o laboratório, desde 2005, integra o Setor de Preservação do Museu de Artes Murilo Mendes, atuando na restauração de unidades bibliográficas deterioradas e em ações de conservação preventiva mediante melhoria de condições de manuseio, utilização, técnicas de exibição das coleções e armazenamento do acervo na sala de custódia.

Concretizando uma antiga aspiração da comunidade acadêmica, em 2005, a reitora professora Maria Margarida Martins Salomão transferiu o centro

administrativo da Universidade Federal de Juiz de Fora para o Campus Universitário, cedendo o amplo espaço da reitoria, no centro da cidade, ao Museu de Arte Murilo Mendes, consignando à biblioteca uma área conveniente e avultada, proporcionando-lhe maior segurança e comodidade aos pesquisadores.

Resguardada devidamente, a biblioteca muriliana desvela ser somente um excerto de uma biblioteca de literatura fausta e labiríntica, eterna e misteriosa, concebida pelo aditamento de todos e não pertencente a ninguém pois, como sabemos, “toda opção por uma ordem, todo reino catalogado da imaginação supõe uma hierarquia tirânica de exclusões” (MANGUEL, 2006, p.95). Toda biblioteca, continua Manguel, “leva à exclusão, uma vez que seu acervo, por vasto que seja, deixa para fora de suas paredes incontáveis prateleiras de literatura que por razões de gosto, conhecimento, espaço e tempo, não foram incluídas” (MANGUEL, 2006, p.95), nos facultando asseverar assim que, nas bibliotecas pessoais se confessa o colecionador, porque, ao tempo que salvaguarda, abdica, mediante a predileção de domínio, inevitavelmente estrito.

Colecionar afigura para o poeta o sentido de consubstanciação de laços e pactos, em rede de sociabilidade, com foco no encadeamento da cultura e no fortalecimento afetivo revelador do sujeito e do poeta. Marcas de afetividades são perceptíveis em todo o seu acervo bibliográfico como observamos no **livro-relíquia *Pélerinages franciscains*** (1922), de Johannes Joergensen, quando, à página final, o poeta dá um testemunho reverencioso, sentimental e de terna saudade: “Este livro contém, a pgs 175, 176 e 240, anotações de Ismael Nery, e as suas iniciais autografadas. É um livro-relíquia. Rio, 6.4.1934. M.M.” (MENDES, 1922). Pintor, poeta e filósofo, Ismael Nery, amigo muito estimado, faleceu aos trinta e quatro anos, em abril de 1934. Sua perda atormentou Murilo Mendes amargamente, inclusive, o encaminhando à retomada do catolicismo. Nery apresenta-se na biografia do poeta mineiro por leal e cúmplice amizade, elogio de entrelaçamento e amalgamento de almas no laço tão impetuoso que não deixa perceber o cerzido que as irmanam, comparado à ligação afetiva de Michel de Montaigne com o filósofo Étienne de la Boétie, confessa em **Os ensaios** (1580), Livro 1, ensaio 28.

Sobre o domínio físico, fundamental do colecionar, assenta-se uma discussão sobre os conteúdos e espíritos enclausurados instituidores do teor anímico de todo gênero de colecionismo.

Em lampejos dissimétricos, entre o sólido e o insólito, Murilo Mendes ensaiou o entendimento benjaminiano em ser químico, desfrutando da materialidade da biblioteca e em ser alquimista ao entretecer ideias. Se cotejarmos essas condutas à fogueira em chamas, dizemos que, enquanto o químico que atina na madeira e cinzas a razão de análise, o poeta dissecou livros no rasteio das palavras e, tal o alquimista, impelido em excelsa filologia, observa a chama que guarda enigmas, confessa a vida e desvela ideias.

Elucidando sobre o lugar de pensar e criar do poeta, ramificação da biblioteca, invocamos uma tradição secular. No Renascimento, desfrutar de um estúdio, imputava ao escritor indícios de saber e notória erudição. Nessa exegese abreviada de acepção afetiva, lugar onde dita a alma, preservando a tradição renascentista que prescrevia manter objetos significativos no estúdio, em soledade no seu gabinete, em uma despojada secretária de madeira, no apartamento belo e modesto no Palazzo Malvezzi, sob o teto pintado no século XVIII, Murilo Mendes experiencia sua *euthymia*, bem-estar da alma, concebível apenas em instante de intimidade intelectual, cercado de diferentes livros, retratos de família e de criadores cultuados, postais de obras admiradas, entre outras, um fragmento da tela **A primavera** (c. 1482) do pintor renascentista Botticelli e **Construção linear no espaço nº 2** (concebido em 1949 e realizado em 1972-73) do escultor russo construtivista Naum Gabo, sempre vigiado pelas obras de Miró, Arp e Magnelli rigorosamente dispostas na parede branca diante da secretária, e por uma pequena imagem sacra. Ao redor, livros, livros... e fotografias de Mallarmé, Picasso, Baudelaire e de Raquel Welch que “de vez em quando, substituía por outras, mas sempre de belas mulheres” (ANDRADE, 1972, p.85), nos informa Jorge de Andrade na reportagem Murilo: o poeta da liberdade, com imagens documentais de Bruno Andreozzi para a revista **Realidade**.

A ordem permemoriza esse *locus* muriliano de menear a palavra, entretecer a crítica, tramar a poesia e cortejar a memória.

Nesse insígne legado bibliográfico, insere-se na convicção de que, bibliotecas são tulhas de memória detentoras de histórias que contamos para saberem quem somos | fomos |; são entidades de anunciação da tangível experiência, ao longo do tempo, e da reconhecível percepção humana, distante de serem imutáveis, subordinadas a mudanças históricas:

As histórias são nossa memória, as bibliotecas são os depósitos dessa memória e a leitura é o ofício por meio do qual podemos recriar essa memória, recitando-a e glosando-a, traduzindo-a para nossa experiência, permitindo-nos construir sobre alicerces do que as gerações passadas quiseram preservar (MANGUEL, 2008, p.19).

Manguel, em **A biblioteca à noite** (2006), descreve uma cena do **Juízo final** de um afresco do término do século XV, pertencente à catedral de Santa Cecília, em Albi, no sul da França, onde as almas convocadas diante de Deus, caminham rumo ao destino, nuas, solenemente mantendo sobre o peito, aberto, o livro da vida, assentamento de seus testemunhos de existência no mundo, pelos quais serão julgadas. Emprestando sentido à alegoria religiosa, em translação, por inesperada que seja, admitimos que a biblioteca muriliana espelha um quinhão do livro da vida do poeta e o explicita mediante experiência das leituras, resguardando-o do **lago do fogo**.

Confidencial e abundante em incitamentos ao conhecimento da alma do poeta e de outras almas, a biblioteca que iconiza ser uma crônica da vida de Murilo Mendes, traduz sua desmedida paixão pela palavra e o afã indubitável pela soberba literatura cujas predileções, segundo ele atesta no **Questionário de Proust**, respondido em 13 de outubro de 1962, recaem sobre Cervantes, Pascal, Stendhal, Dostoiévski e Kafka, pelos filósofos Platão e Hegel, e pelos poetas Mallarmé e Rimbaud, presentes na biblioteca totalizando cinco dezenas de livros, variando de dois (Platão) a treze (Stendhal) títulos por autor, todos sem exceção, pontuados por variegadas intervenções que abrigam o enigma de sua leitura e uma oblação à crítica genética.

Esses rastros interjacentes nos livros preservam os espectros dos escritores assombrados por sua ausência e testemunham ideias, **cacos** de reflexões que jamais devem ser negligenciados. Advoga Benjamin: “[...] nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (BENJAMIN, 1994, p.223). Em cada rastro: grifo, excerto ou marca gráfica, a memória torna-se citável e mensageira do átimo purgado subordinando a biblioteca à condição de cronologia de avisos e cabais indícios do percurso do poeta.

Na ratificação da grandeza da biblioteca muriliana, “[...] basta que nos lembremos quão importante é para cada colecionador não só o seu objeto, mas também o passado deste, tanto aquele que faz parte de sua gênese e qualificação

objetiva, quanto os detalhes de sua história aparentemente exterior: proprietários anteriores [...]” (BENJAMIN, 2009, p. 241).

Circunstanciados os valores intrínsecos da pertinência da biblioteca à biografia e à crítica de Murilo Mendes, salientamos seu mérito no impulso e revigoreamento da cultura na instituição acadêmica e na cidade que a acolhem, e sua significância singular e vitalidade no processo do saber literário em Minas Gerais.

Enquanto *reliquaire des mots* potencializa um irrestrito *locus* de ofício à crítica genética e, em outro sentido, assenta o advir do contemporâneo ícone cultural, o Museu de Arte Murilo Mendes, espaço impregnado de idealismo afetivo e memorial, guardião dos acervos colecionados pelo poeta desde o tempo em que experienciou o autoexílio da “[...] terra das macieiras da Califórnia / onde cantam gaturamos de Veneza” (MENDES, 1994, p.87), no Rio de Janeiro a partir de 1920, e, de 1957 a 1975, em Roma, “[...] cidade que vive sob o signo do juízo universal e da mais formidável história em quadrinhos de Miguel Angelo, o *arrabbiato* por excelência” (MENDES, 2002, p.148). Assim... registramos que Murilo Mendes, como Walter Benjamin, transportou livros de exílio a exílio e, possivelmente, devido aos involuntários desígnios, ocorreram algumas perdas e possíveis supressões.

Na subordinação de toda biblioteca à condição de espelho do mundo, parafraseando Manguel, a biblioteca muriliana é um espelho do mundo.

Imagens do mundo, **os livros de uma biblioteca nada sabem do colecionador embora o confessem.**

BY BABEL MURILIANA: THE RETURN OF THE POET

ABSTRACT

This article undertakes a concise analysis of the memory, the history of formation and the trajectory of a fragment of Murilo Mendes' library, transferred in 1977 to the Federal University of Juiz de Fora by his widow Maria da Saudade Cortesão Mendes, becoming the origin of the Murilo Mendes Art Museum. With a relevant emphasis on research in literary theory and genetic criticism, this excerpt from the poet's book collection established a new cultural landmark in the city due to the expectation aroused by its genesis, instigating content and particular interventions and comments, possible developments in the poet's work , a remnant of great significance to the

studies of genetic criticism. In the subordination of a library to be a witness to the world, the Murilian library, impregnated with cultural idealism, is a mirror that the poet confesses, establishing a reason for acquiring his visual arts collection and encouraging academic projects in the literary history of Juiz de Fora.

KEYWORDS: Murilo Mendes. Library. History. Books.

REFERÊNCIAS

ANCONA, Telê Porto. A criação literária na biblioteca do escritor. **Ciência e Cultura**. São Paulo. a.16, v.59, n.1, p.33-37. Disponível em: cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/a.16v.59n.1.pdf. Acesso em 30.maio.2021.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Murilo Mendes Hoje/ Amanhã. *In*: MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. (Org). PICCHIO, Luciana Stegagno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ANDRADE, Jorge. Murilo, um poeta da liberdade. **Realidade**. São Paulo: Abril, a. VII, n. 77, Agosto 1972.

ARREGUCCI JUNIOR, David. Entre amigos. *In*: MENDES, Murilo. **Recordações de Ismael Nery**. 2 ed. São Paulo: Editora USP; Editora Giordano, 1996.

BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira. **A trama poética de Murilo Mendes**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.

BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira. **Letras da cidade**. Juiz de Fora: FUNALFA, 2002.

BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira. **Ismael Nery & Murilo Mendes: reflexos**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. Irene Aaron. et al. (Org.). Willie Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso**. (Org.). Calin-Andrei Mihailescu. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COLERIDGE, Samuel Taylor. **A balada do velho marinheiro**. Trad. Int. W. de Carvalho. São Paulo: Disal Editora, 2006.

D'AGUIAR, Rosa Freire. Os ensaios, de Montaigne. *In*: MONTAIGNE, Michel. **Os ensaios**: uma seleção. (Org.) M. A. Screech. Trad. Rosa Maria D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MANGUEL, Alberto. **A cidade das palavras**: as histórias que contamos para saber quem somos. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MENDES, Maria da Saudade Cortesão. LISTA DE LIVROS que D. Maria da Saudade Cortesão Mendes separou para levá-los para Portugal, autógrafa, 1979.

MENDES, Maria da Saudade Cortesão. [**Correspondência**]. Destinatário: José Calos de Castro Barbosa. Nov.1986. 1 carta.

MENDES, Maria da Saudade Cortesão. [**Correspondência**]. Destinatária: Marisa Timponi Rodrigues. Lisboa, 5.fev.1993. 1 carta.

MENDES, Maria da Saudade Cortesão. [**Correspondência**]. Destinatárias: Leila Barbosa e Marisa Timponi. Lisboa, 10.ago.1993. 1 carta.

MENDES, Murilo. Nota autógrafa. *In*: JOERGENSEN, Johan. **Pélerinages franciscains**. Trad. Teodor de Wyzewa. Paris: Perrin et C^{le}, 1922.

MENDES, Murilo. Canção do exílio. **Revista de Antropofagia**. Diário de São Paulo. n.14, 19.jul.1929.

MENDES, Murilo. **Poesias 1925-1955**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959.

MENDES, Murilo. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. (Org.) PICCHIO, Luciana Stegagno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MENDES, Murilo. **Recordações de Ismael Nery**. 2 ed. São Paulo: Editora USP; Editora Giordano, 1996.

MENDES, Murilo. Vivo em Roma [...]. **Remate de males**. Campinas: UNICAMP. n. 21, p. 148-149. 2002.

MENDES, Murilo. **A idade do serrote**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MONTAIGNE, Michel. **Os ensaios**: uma seleção. (Org.) M.A. Screech. Trad. Rose Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. (Org. int. e notas) GALHOZ, Maria Aliete. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. (Org. int. e nota) TUTIKIAN, Jane. Porto Alegre: L&PM, 2017.

PICCHIO, Luciana Stegagno. Pequena história da História do Brasil de Murilo Mendes. *In*: MENDES, Murilo. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

PICCHIO, Luciana Stegagno. Vida-poesia de Murilo Mendes. *In*: MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. (Org. prep. do texto, notas). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

RESOLUÇÃO N.58/77. Universidade Federal de Juiz de Fora. Conselho Superior. Doação do acervo de Murilo Mendes. **Boletim da reitoria**. Juiz de Fora, n.193. Jan.1978.

ROSA, João Guimarães. **Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro. 16.nov.67. Disponível: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/discurso-de-posse>. Acesso em 30.maio.2021.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 13 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.